

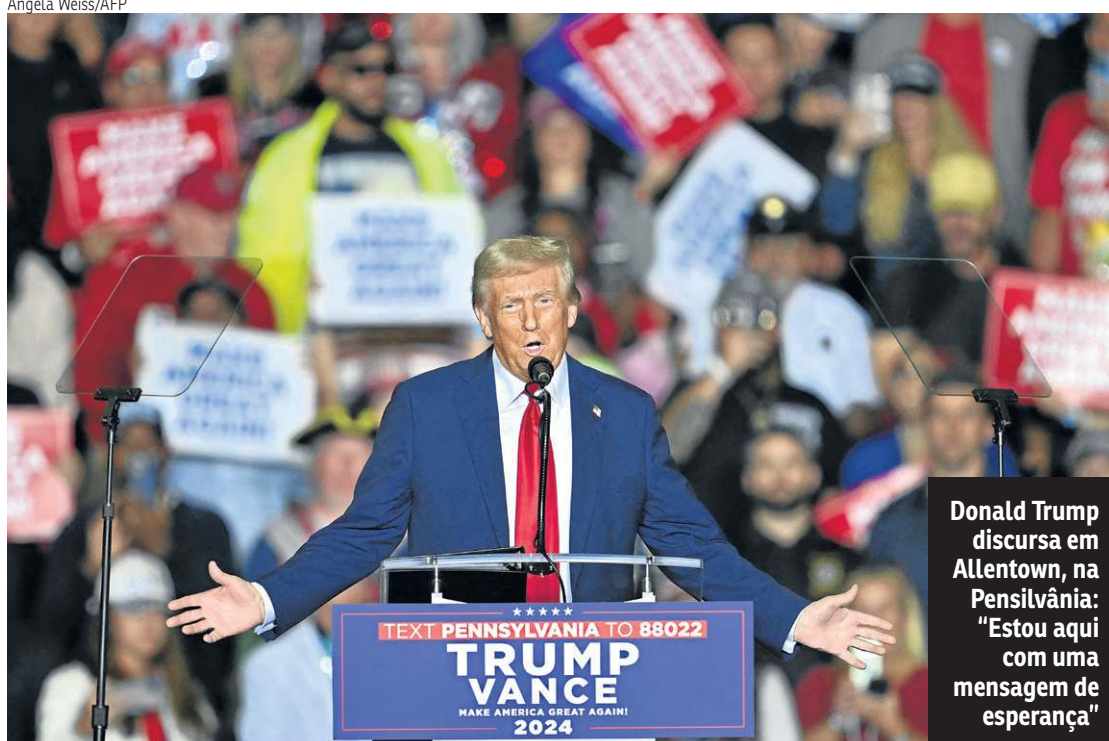
CORRIDA À CASA BRANCA

Kent Nishimura/Getty Images/AFP



Kamala Harris faz os argumentos finais, a uma semana da eleição, no Ellipse, em Washington: "É hora de uma nova geração de liderança"

Angela Weiss/AFP



Donald Trump discursa em Allentown, na Pensilvânia: "Estou aqui com uma mensagem de esperança"

"É hora de virar a página", diz Kamala

Em discurso no local em que Trump incitou simpatizantes a invadirem o Capitólio, em Washington, a candidata democrata oferece "um caminho diferente" aos eleitores, acena com a conciliação e alerta que republicano busca poder sem controle

» RODRIGO CRAVEIRO

Em 6 de janeiro de 2021, depois de perder a oportunidade de ser reeleito, Donald Trump fez uma declaração, diante de milhares de seguidores, reunidos no Ellipse, um parque situado atrás da Casa Branca, em Washington. "Nós lutamos. Lutamos como o inferno. Se você não lutar como o inferno, não terá mais um país", afirmou o então presidente. "Vamos caminhar pela Avenida Pensilvânia. (...) E vamos para o Capitólio", acrescentou, pouco antes de o prédio do Congresso dos EUA ser invadido. Depois de 1.392 dias e a uma semana das eleições, Kamala Harris escolheu o mesmo local para os argumentos finais de sua campanha e defendeu uma nova geração de líderes nos EUA.

Em um discurso de pouco menos de meia hora, a candidata democrata prometeu governar para todos os 341,9 milhões de norte-americanos e acusou Trump

de querer "poder sem controle". "Nós sabemos o que Donald Trump tem em mente. Mais caos, mais divisão, políticas que ajudam aqueles que estão no topo e prejudicam todos os outros. Eu ofereço um caminho diferente e peço seu voto."

O evento no Ellipse começou às 19h35 (20h35, em Brasília), com a interpretação do hino nacional por uma menina negra. Kamala subiu no palco logo em seguida. "Em uma semana, vocês terão a chance de tomar uma decisão que impactará diretamente sua vida, a vida de sua família e o futuro deste país, que amamos. Provavelmente, será o mais importante voto seu", declarou. "Essa eleição será uma escolha sobre se teremos uma nação enraizada na liberdade para todos os americanos ou dirigida pelo caos e pela divisão", advertiu.

A democrata, então, citou o discurso feito por Trump em 2021. "Sabemos quem é Donald Trump. Ele é a pessoa que, deste mesmo

local, quatro anos atrás, mandou uma multidão armada para o Capitólio para invalidar a vontade do povo em eleições livres e justas." Ela lembrou que americanos morreram em decorrência do ataque.

"Inimigos de dentro"

De acordo com Kamala, Trump pretende usar o Exército dos EUA contra cidadãos que simplesmente discordarem dele. "Pessoas que ele diz serem 'inimigos de dentro'. Isso não é um candidato a presidente que pensa em tornar a sua vida melhor. Isso é alguém instável, obcecado por vingança, consumido pela queixa e em busca do poder sem controle", alertou. A candidata afirmou que "é hora de virar a página do drama, do conflito, do medo e da divisão". "É hora de uma nova geração de liderança nos Estados Unidos", acrescentou, bastante ovacionada pelo público. Kamala se disse pronta a oferecer essa liderança.

Pouco depois, acenou com um gesto de conciliação. Lembrou que não é perfeita e comete erros, e prometeu sempre escutar o povo, mesmo aqueles que cidadãos que não votarem nela. "Eu trabalharei diariamente para construir consenso e obter compromissos para fazer as coisas. Se vocês me derem a chance de lutar em seu nome, não haverá nada no mundo que ficará no meu caminho", declarou Kamala.

Ao apontar para a Casa Branca, a democrata afirmou que, caso eleito, Trump caminhará até o Salão Oval com uma lista de inimigos nas mãos. "Eu irei até lá com uma lista de coisas a serem feitas, prioridades para o povo americano. Trabalharei por todos: democratas, republicanos e independentes", disse.

Professor de história da Universidade de Harvard, Alex Keyssar explicou ao **Correio** que Kamala oferece uma visão unificadora de sua presidência e otimista, em contraste com o discurso de Trump em 6 de janeiro. "Ela procurou passar

uma imagem de Washington como pacífica e repleta de gente esperançosa, e não raivosa."

David Lublin — diretor e professor do Departamento de Governo da American University (em Washington) — disse à reportagem que Kamala se esforçou para apresentar um contraste em relação ao adversário. "O discurso transmitiu a mensagem de que o voto em Kamala é pela normalidade, e não pelo retorno ao caos e aos esforços para minar a democracia."

Enquanto Kamala discursava em Washington, o republicano fazia um comício em Allentown, na Pensilvânia, um dos estados-pêndulo (que pendem para democratas e republicanos). "Começo com uma pergunta: vocês estão melhores do que quatro anos atrás? Estou aqui com uma mensagem de esperança", declarou Trump. "Nós detemos a inflação e pararemos a invasão de criminosos ao nosso país. Devolveremos o sonho americano", prometeu o magnata.

Steve Bannon é libertado depois de quatro meses

Steve Bannon, proeminente figura da direita americana e ex-conselheiro de Donald Trump, foi libertado da prisão na manhã de ontem, uma semana antes das eleições presidenciais, depois de passar quatro meses detido. Bannon, 70 anos, foi condenado depois de rejeitar uma intimação para testemunhar diante do painel do Congresso que investiga o ataque de apoiadores de Trump ao Capitólio. Fiel ao passado conspiracionista, ele disse em seu podcast *The War Room*, depois de sair da prisão federal em Connecticut, que os democratas "não têm a intenção de deixar o poder" e incitou seguidores a "se certificarem" de que "não nos roubem a eleição".



David Dee Delgado/AFP

» Entrevista EVO MORALES | EX-PRESIDENTE DA BOLÍVIA

"Como não podem me derrotar, querem me matar"

No último domingo, o carro em que o ex-presidente boliviano Evo Morales (2006-2019) estava foi alvejado por pelo menos 10 tiros. Em entrevista exclusiva ao **Correio**, por telefone, o líder cocaleiro e fundador do partido Movimento ao Socialismo (MAS) culpou o presidente Luis (Lucho) Arce pelo atentado, falou sobre o pedido de investigação internacional sobre o ataque, acusou o governo de mobilizar franco-atiradores para conter protestos e contou ter sido alvo de declarações ameaçadoras das autoridades.

Que tipo de ajuda internacional o senhor espera para investigar o atentado sofrido no domingo?

Infelizmente, a Justiça boliviana está subordinada ao Poder Executivo. Não existe independência. Por isso, pedi a participação internacional. Pode ser por parte da ONU e da Comissão Interamericana de Direitos Humanos (CIDH), além de instituições, organismos de defesa dos direitos humanos ou personalidades. Acabam de me informar que o ministro da Defesa, Edmundo Novillo, por instrução do presidente Lucho Arce,

ordenou concentrar franco-atiradores na Escola de Tiro Olímpico Militar do Exército (Etome) e na Escola de Sargentos de Exército de Cochabamba. É uma aberta declaração de guerra ao povo mobilizado. Qualquer ato de sangue será de exclusiva responsabilidade do presidente e do ministro da Defesa.

Como foi o atentado?

No domingo, eu me dirigia à rádio Kawsachun Coca, de Cochabamba. Na porta da nova divisão do Exército boliviano, no município de Tiraque, um veículo saiu do acostamento e bloqueou a passagem. Outro carro atravessou a pista para nos bloquear. Eu disse: "É uma emboscada! Acelere!". Quando passamos, dispararam. Uma jornalista que estava conosco nos disse para que abaixássemos. Atiraram mais três vezes. Um segundo carro que nos acompanhava também foi alvo. O nosso carro levou dez disparos; o outro, uns 20. Eu ouvi quatro tiros e, depois, 14. Eles queriam me destruir politicamente. Fracassaram. A ideia era deixar Evo sem partido. Fracassaram. Finalmente, atentaram contra a minha vida.

Emiliano Lasalvia/AFP



Chegou a ver os atiradores?

Sim. Estavam dentro de um carro emprestado. Não usavam máscaras. Os disparos atingiram o assento da jornalista que estava conosco. Se ela não tivesse se abaixado, teria levado três balas nas costas. O motorista do segundo carro do comboio ficou ferido. Dispararam

no assento em que eu estava. Eram franco-atiradores. O atentado foi planejado. A Mãe Terra, Deus e, sobretudo, meus pais, salvaram a minha vida.

A quem acusa pelo ato?

O presidente Lucho (Luis) Arce. Em 2022, ele lançou um plano para inabilitar Evo.

Arce disse que o senhor tramou o atentado...

Não consigo entender como mentem. Eu carrego armas? Eu disparei e preparei uma emboscada contra mim mesmo? Meu crime foi organizar a marcha para salvar a Bolívia, em setembro, que reuniu 3,4 milhões de pessoas. Segundo uma pesquisa, 71,4% dos bolivianos creem que voltarei a ser presidente. Hoje, respondo a 15 processos. É perseguição política.

Um dos processos o acusa de se relacionar com uma menor...

A menina pediu que não falássemos mais sobre isso. Eles têm me investigado desde 2020. Não encontraram nada. A investigação foi rejeitada. Ponto final.

O senhor havia sofrido ameaça?

Em 2021, Arce começou a preparar um "plano sombrio" para destruir Evo politicamente. Em 2022 e 2023, o general Juan Zúñiga, que deu o autogolpe, disse, em reuniões do Estado-Maior, que era necessário "baixar" Evo. No termo militar, isso significa matar. Em julho

deste ano, o deputado governista Rolando Cuella afirmou: "Se Evo não quiser sair dentro de um caixão, em Senkata (local de massacre de apoiadores do ex-presidente, em 2019), deve suspender a autoproclamação".

Qual são seus planos?

O governo insinua que Evo vai fugir. Em 2018, tive que ir para salvar a minha vida. Quero que saibam: não partirei. Ficarei com o meu povo para resistir.

Como vê os protestos pelo país?

Este é um governo de traição, de corrupção. É uma gestão ruim. Por que o povo se levanta? Não há gasolina. Nos 14 anos de meu governo, nunca houve um dólar paralelo. O preço da cesta básica subiu 15%, 20%. Também existe proteção ao narcotráfico. Como responsável e fundador do MAS, tenho a obrigação de salvar a nossa revolução e a Bolívia com o povo boliviano. Meu crime é ser índio. (RC)

Leia a íntegra em www.correio braziliense.com.br